

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BÁRBARA CHRISTINNY SANTOS BEZERRA

**ENCLAUSURADAS PELA REPRESSÃO: A influência da predominância cristã
na restrição da sexualidade feminina e suas implicações psicológicas em
mulheres brasileiras.**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

BÁRBARA CHRISTINNY SANTOS BEZERRA

ENCLAUSURADAS PELA REPRESSÃO: A influência da predominância cristã na restrição da sexualidade feminina e suas implicações psicológicas em mulheres brasileiras.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Mestre Tiago Deividy Bento Serafim

BÁRBARA CHRISTINNY SANTOS BEZERRA

ENCLAUSURADAS PELA REPRESSÃO: A influência da predominância cristã na restrição da sexualidade feminina e suas implicações psicológicas em mulheres brasileiras.

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 03/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: MESTRE TIAGO DEIVIDY BENTO SERAFIM

Membro: JÉSSICA QUEIROGA OLIVEIRA/ UNILEÃO

Membro: LARISSA MARIA LINARD RAMALHO/ UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

Enclausuradas pela Repressão: A influência da predominância cristã na restrição da sexualidade feminina e suas implicações psicológicas em mulheres brasileiras.

Bárbara Christinny Santos Bezerra¹
Tiago Deividty Bento Serafim²

RESUMO

O presente trabalho, por meio de uma revisão de literatura narrativa, tem como objetivo compreender o impacto biopsicossocial da repressão sexual nas mulheres brasileiras, bem como, explorar de maneira abrangente as possíveis conexões entre a repressão da sexualidade feminina e a influência histórica e cultural das religiões de matriz cristã no Brasil. Investigando os papéis femininos atribuídos e simbolizados nas figuras de Lilith, Eva e Maria no contexto dos textos sagrados, o estudo aborda as construções de gênero que sustentam a repressão da sexualidade feminina, analisando como esses modelos simbólicos moldaram narrativas e expectativas sociais ao longo do tempo, destacando o impacto psicossocial desse processo na subjetividade, na autonomia e nas dinâmicas de opressão enfrentadas pelas mulheres. Ao aprofundar a análise desses tópicos, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla das estruturas que perpetuam desigualdades e suas implicações na experiência das mulheres em nossa sociedade.

Palavras-chave: Sexualidade; Cristianismo; Repressão sexual; Impactos psicológicos.

ABSTRACT

This study, through a narrative literature review, aims to understand the biopsychosocial impact of sexual repression on Brazilian women and to comprehensively explore the potential connections between the repression of female sexuality and the historical and cultural influence of Christian-based religions in Brazil. By examining the feminine roles attributed to and symbolized by the figures of Lilith, Eve, and Mary within the context of sacred texts, the study addresses the gender constructs that underpin the repression of female sexuality. It analyzes how these symbolic models have shaped societal narratives and expectations over time, highlighting the psychosocial impact of this process on women's subjectivity, autonomy, and the dynamics of oppression they face. By delving deeper into these topics, the study seeks to contribute to a broader understanding of the structures that perpetuate inequalities and their implications for women's experiences in our society.

Keywords: Sexuality; Christianity; Sexual repression; Psychological impacts

¹Bárbara Christinny Santos Bezerra. Email: babi.chris.santos@gmail.com

²Tiago Deividty Bento Serafim. Email: tiagodeividty@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Desde que a história passou a ser documentada temos a distinção dos papéis ditos femininos e masculinos, e toda a gama de comportamentos atribuídos a cada um dos gêneros. Entretanto, estes papéis de gênero foram acentuados com a ascensão do cristianismo e adotaram um teor de dominação de um gênero sob outro. No que diz respeito às restrições atribuídas pela igreja às mulheres, muitas delas eram referentes a seus corpos e sua sexualidade. Esta influência da predominância cristã na restrição da sexualidade feminina possui diversas implicações psicológicas em mulheres brasileiras. Mas a relação entre sexualidade e religião tem sido um campo de estudo complexo e multifacetado, com raízes profundas nas tradições e valores culturais. No contexto das sociedades cristãs, a interseção entre essas duas esferas assume um papel crucial na definição de normas, comportamentos e identidades individuais. Dentro desse contexto, as mulheres muitas vezes se encontram submetidas a uma série de restrições e expectativas em relação à sua sexualidade, moldadas por interpretações religiosas e práticas culturais cristalizadas.

Logo se faz necessário questionar: Qual é o impacto psicossocial advindo da restrição sexual nas mulheres em uma sociedade cristã? Esta pergunta é relevante não apenas do ponto de vista acadêmico, mas também social e prático. A escolha deste tema tem intrínseca relação com relevância deste, tendo em vista que com o passar dos anos, as mulheres conquistaram diversos direitos, porém, o controle ao seus corpos perduram, mesmo que mascarados em novos modelos. Academicamente, este estudo busca contribuir para identificação mais profunda das complexidades envolvidas nas interações entre religião, gênero e sexualidade. Esse questionamento pode contribuir de forma social, para o debate público sobre igualdade de gênero, direitos sexuais e autonomia das mulheres. Ao fazê-lo, visa-se promover o desenvolvimento de sociedades mais justas, igualitárias e respeitosas da diversidade humana.

O presente trabalho, tem como objetivo geral compreender o impacto psicológico das restrições sexuais impostas às mulheres em sociedades predominantemente cristãs. Enquanto os objetivos específicos, visando afunilar o tema buscam: Descrever como as normas e expectativas das tradições cristãs influenciaram a construção e imposição dos papéis de gênero para a mulher ao longo dos séculos; Citar os principais elementos culturais, sociais e religiosos que contribuem para a repressão sexual das mulheres; Entender como a psicologia atua com mulheres afetadas pela repressão sexual. Através de

uma análise de literatura narrativa extensa, busca-se identificar os principais mecanismos através dos quais a repressão sexual afeta as mulheres e contemplar os objetivos supracitados.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Este trabalho utiliza uma revisão de literatura narrativa, que se concentra na análise e síntese de estudos e publicações existentes. Essa abordagem qualitativa busca entender e contextualizar o conhecimento atual, identificar lacunas na pesquisa e oferecer uma visão crítica sobre a influência da religião na sexualidade feminina e os impactos disso nas mulheres. A revisão foi restrita a publicações que relacionam o impacto psicológico da restrição sexual nas mulheres com a influência de uma sociedade cristã, visando compreender suas implicações para o bem-estar emocional e mental das mulheres nesse contexto. Abrangendo artigos acadêmicos, livros, teses, dissertações e artigos relevantes. O foco principal está em trabalhos que discutem as normas e expectativas das tradições cristãs com os papéis de gênero, elementos que contribuem para a restrição sexual das mulheres e efeitos psicológicos que podem ser gerados pela repressão sexual nas mulheres.

Para assegurar a relevância e qualidade das fontes utilizadas, foram estabelecidos critérios claros de inclusão e exclusão. Para inclusão das publicações foram analisadas na pesquisa, obras que se adequaram às palavras-chave (Sexualidade; Cristianismo; Repressão sexual; Impactos psicológicos), textos acadêmicos publicados em periódicos reconhecidos, obras que abordam diretamente o tema e que contribuem de maneira significativa para o entendimento da história da sexualidade feminina e sua relação com a religião. Foram excluídos materiais que tangenciam o tema, textos não acadêmicos, estudos religiosos que não apresentam relevância direta ao tema. As fontes de dados foram obtidas em bases de dados acadêmicas como Scielo, Google Scholar, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), entre outras pertinentes ao campo de estudo. Além disso, foram consultadas bibliotecas digitais e catálogos de universidades para acessar teses e dissertações.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Lilith e Eva: A dualidade do papel social feminino como duas faces da mesma moeda

As religiões cristãs, em alguns países, ocupam um papel secundário, mas em muitos outros, como no Brasil, elas são a principal fonte de referência para práticas culturais, tradições e costumes. O impacto dessa ideologia é visível em diversas esferas da vida cotidiana, desde a formação de leis até a educação e as relações familiares. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha em 2020 (O Globo), mais de dois terços da população brasileira se identificam como cristãos, incluindo católicos apostólicos romanos e evangélicos. Portanto, pode-se afirmar que o Brasil é um país predominantemente cristão. Entretanto, assim como em outras culturas, os povos originários possuíam crenças pagãs e politeístas e essa transição foi acompanhada por uma reinterpretação da mitologia, na qual as figuras femininas foram relegadas a papéis secundários ou mesmo demonizadas.

A ideologia cristã está intrinsecamente ligada à cultura humana há muitos séculos, moldando valores, normas e comportamentos sociais, mas nem sempre foi assim. Dentro desse contexto, é de grande relevância explorar o papel que a mulher desempenhou ou desempenha na sociedade e onde a ideologia cristã foi tão influente (Rocha, 2008). Pois nas diferentes culturas, a posição da mulher pode ser profundamente influenciada por interpretações religiosas que moldam expectativas sobre seu comportamento, papéis sociais e direitos. Ao analisar essas dinâmicas, é possível entender melhor como a ideologia cristã contribui para a construção da identidade feminina e para a definição das relações de gênero em diferentes contextos culturais e históricos (Assunção, 2024).

De acordo com as Escrituras Sagradas, o Éden é considerado o ponto de origem das sociedades de tradição cristã. A partir do relato bíblico da criação, foram estabelecidos ideais de gênero atribuídos às mulheres, personificado principalmente por Eva (Barreto; Cecarelli, 2015). A primeira mulher representada nas religiões de matriz cristã foi Eva, mesmo que outras narrativas discordem, e tragam Lilith como a primeira mulher. Algumas tradições orais e textos antigos, hebraicos, babilônios e assírios narram que Lilith e Adão foram criados ambos da terra, à imagem e semelhança de Deus, mas Lilith era tão livre quanto Adão e recusava sua subserviência aos desejos de um homem, de acordo com Dantas (2010). Logo por desejo próprio e não satisfeita com aquele despropósito, retirou-se, e Deus observando a solidão e insatisfação de Adão, fez Eva.

Lilith, muito antes de ser atrelada ao contexto bíblico, esteve em diversos mitos pagãos. O paganismo se refere a um conjunto de práticas espirituais e religiosas das antigas culturas pré-cristãs. Que cultuavam Deuses, divindades da natureza, forças cósmicas e espíritos (Faur, 2021). As Deusas do paganismo eram vistas como personificações das forças naturais, utilizavam a natureza como principal fonte de poder (Assunção 2024). Ao longo dos séculos a narrativa traz, no contexto do paganismo, Lilith como uma deusa da fertilidade, do poder criativo, que celebra a força, a beleza e a sexualidade feminina. Já a narrativa que põe Lilith como primeira mulher de Adão se originou no contexto do judaísmo e foi tomada e adaptada pelo cristianismo (Fróes, 2023).

Como Matheus Neto, José Costa e Regina Ribeiro (2008) abordam para consolidação de uma sociedade patriarcal, foi necessário a reestruturação de vários mitos, incluindo o de Lilith. Nessas novas narrativas, as deusas antes veneradas pela sociedade, foram suprimidas e subjugadas, dando lugar ao Pai Todo-Poderoso. Essa personagem perde então suas virtudes dando lugar a um ser demoníaco que atrapalha a trama do casal protagonista. (Assunção, 2024). Essa Narrativa serviu como ferramenta para promover a submissão feminina e reforçar os papéis de gênero que foram sendo desenvolvidos, retratando Lilith como um exemplo negativo de mulher, desafiadora e independente, adjetivos muito mal vistos quando relacionados a uma mulher dentro da narrativa cristã. (Silva, 2021) Essa transformação de Lilith reflete as alterações comportamentais e culturais relacionadas ao divino feminino e ao poder feminino ao longo da história, assim como a urgência em suprimir e controlar a sexualidade e a autonomia das mulheres (Assunção, 2024).

Eva, por sua vez, surge de uma parte de Adão sendo colocada como feita para ele, como prêmio de consolação pela insurgência da mulher antes criada. Logo, para corrigir o erro, Deus criou Eva substituindo Lilith, como nova companheira de Adão. Para evitar que Eva lutasse por igualdade tal qual Lilith, Deus a criou a partir da costela de Adão (Assunção, 2024). E ainda que submissa na maior parte do tempo, Eva representa a desgraça do homem, a introdução ao pecado.

Criada para ser ajudante de Adão, ele lhe transmite a proibição divina a respeito da árvore do bem e do mal. Mas a mulher, criada da costela do homem, portanto de natureza inferior, acaba transgredindo a lei paterna. Eva cede à tentação da serpente e em seguida seduz Adão, que acaba corrompendo sua natureza superior (Barreto; Ccarelli. 2015).

Segundo Paiva (1990), Eva é uma prática representação da mulher, um padrão, um protótipo eterno de gênero, colocada sempre para ser a mulher de algum Adão, sua posição social é definida por seu desempenho e responsabilidades como mãe e esposa: “[...]”

preservação do casamento e pela felicidade do lar (marido e filhos)” (Paiva, 1990, p. 56). Porém considerando que Eva agiu com insubordinação dentro dessa relação, a sua maneira repetindo o percurso de Lilith (Assunção, 2024), ela seria a responsável pela queda e pela expulsão de todos do paraíso, o pecado advém do gesto de desobediência da mulher, e essa sempre será subjugada pelos erros masculinos. (Ranke-Heinemann, 1996).

A mulher é associada a Eva, sendo vista como fonte de perigo. Não por sua limitação, mas porque, assim como a companheira de Adão, ela instiga os homens ao prazer, oferecendo-lhes o fruto proibido (Duby, 2001, p. 108). Vem da compreensão religiosa então de que os filhos de Eva herdariam a marca do pecado. Embora a narrativa de Lilith e Eva possam parecer distintas, elas estão deveras entrelaçadas. Lilith simboliza a sexualidade depravada, que está livre do controle masculino, enquanto Eva carrega a culpa pelo surgimento do pecado e da sexualidade no mundo (Assunção, 2024). Nesse cenário, a Virgem Maria representa a faceta positiva do feminino, contrastando com as figuras de Lilith e Eva. A maternidade de Maria será imaculada, livre das práticas carnavais e animalescas, logo será santa. Baseado nessa figura, a maternidade se tornou algo idealizado. Badinter (1985) traz em sua obra que o “mito do amor materno” foge do meramente biológico, ultrapassando a um conjunto de papéis e ideologias de gênero, empregando um valor sacrossanto à mãe, mas não à mulher.

Maria passa a representar a pureza, a mulher ideal, mãe, esposa e liberta do pecado ou da insubordinação. Logo, a maternidade é vista como algo necessário para a mulher, mas o sexo como algo reprovável. Sintetizando, a tríade feminina das religiões de matriz cristã trazem ao imaginário social essas três estruturas de mulheres, a sexualmente livre e insurgente Lilith, demoníaca e impedida de entrar no reino dos céus; Eva representando o pecado, o desejo, a fraqueza feminina e a expulsão do Éden; E a santificada e virgem, Maria, simbolizando pureza, submissão e bênção divina. (Barreto; Cecarelli. 2015). A visão que trás a busca pela salvação como a grande meta da vida contribuiu para uma fragmentação da figura da Deusa Mãe pagã. Ela deixa de ter faces que abrangem características positivas e negativas e passa a ser dividida em duas: a Mãe, vista como boa e virgem, e a fêmea, representando o mal e à prostituição (Assunção, 2024).

Para Salles e Ceccarelli (2010), quando Santo Agostinho sexualiza o pecado original, expondo o estigma negativo da sexualidade através da luxúria de Eva, não apenas condena que a humanidade nasceu do pecado, mas demoniza a mulher e inocenta o homem, respectivamente encenados por Eva e Adão. Com base na distinção entre a mulher real e a mulher idealizada na ideologia cristã, pode-se compreender a origem de muitas das

concepções que formamos sobre o livre-arbítrio e a sexualidade feminina (Silva, 2021). Essas visões, influenciadas por construções teológicas e culturais, moldam de forma significativa a percepção e o controle social sobre o papel da mulher na sociedade.

2.2.2 A queda das Deusas: A submissão feminina e as crenças que moldam nossa sociedade

Dado que a religião se estabeleceu como uma instituição de dominação ao longo dos séculos (Azevedo, 2004). Foi sendo estabelecida a dominação da história e corpo feminino, e diversos autores buscaram compreender a relação entre a formação cristã, a vivência da sexualidade pelas mulheres e os possíveis danos psicológicos decorrentes.

A partir de indícios arqueológicos, podemos verificar que a mais antiga imagem humana de uma divindade, era feminina (Silva, 2009). Desde a época paleolítica até a neolítica, e ainda na civilização antiga é possível encontrar a figura da Deusa, desacompanhada de uma figura masculina (Ruether, 1993). Diversas evidências que utilizam da arqueologia, da antropologia cultural e da mitologia sustentam teorias de que, em períodos pré-históricos, quando a Deusa era venerada e cultuada, as mulheres eram vistas como "doadoras de vida" e as sociedades se organizavam de forma igualitária e pacífica (Coleman, 2001). Entretanto, algumas dessas teorias descrevem sociedades matriarcais, onde haveria uma predominância feminina, outras as interpretam como sociedades igualitárias, sem a presença de dominância.

As religiões pagãs tradicionais já citadas anteriormente, representam uma visão de mundo onde a natureza e as mulheres são reverenciadas (Silva, 2009). Quando matriarcais ou contendo equilíbrio entre divindades masculinas e femininas contrastam com o cristianismo patriarcal, que tentou suprimir essas tradições que foram gradualmente sendo substituídas pelo monoteísmo cristão, tendo assim apenas um Deus masculino como principal divindade (Assunção, 2024).

Nas civilizações mais antigas, como as mesopotâmicas, egípcias e gregas, as divindades femininas eram atribuídos a papéis importantíssimos e vitais na mitologia e na religião, a figura da Deusa mãe era reverenciada, como a criadora de todas as coisas, associada à fertilidade, ao nascimento e à vida de modo geral (Balieiro, 2020). Com essas

mudanças nos mitos e crenças, os poderes das antigas deusas foram sendo transferidas para o Deus pai, e as características, tidas como mundanas atualmente, foram transferidas para uma nova criatura antagonista, Satã. Personificando a partir de então a dicotomia entre bom e profano, e abrindo margem para regras que estabelecem quem iria para o céu ou inferno.

Nesse contexto, os poderes geradores atribuídos à Deusa Mãe são transferidos para o masculino, para o Deus Pai, que passa a gerar a vida não mais da matéria, mas do verbo e do espírito. O mundo ctônico, antes governado pela Deusa Mãe, torna-se regido por uma nova entidade: Satã, que domina a matéria, o desejo e o sexo. Esses elementos, que outrora eram vistos como positivos junto à Deusa, passam a ser considerados anti-valor, impedindo a ascensão espiritual rumo ao Pai e ao paraíso (Assunção, 2024. p.7)

Com a introdução das noções de céu e inferno, a Igreja passou a utilizar essas ideias para controlar o comportamento dos fieis. Skinner (1967) analisa os métodos aplicados pelas igrejas para reforçar ou punir comportamentos específicos. Nas religiões cristãs, os conceitos de "céu" e "inferno" servem para distinguir entre ações virtuosas e pecaminosas, sendo que a promessa de recompensa ou a ameaça de punição molda a conduta dos indivíduos. A possibilidade de perder a salvação eterna gera um sentimento de culpa que muitos interpretam como um "sentimento de pecado" (Skinner, 1967).

Lilith, por outro lado, é compreendida como uma figura feminina de força e independência, desafiando as normas estabelecidas de autoridade masculina e recusando-se a aceitar a submissão (Faur, 2021). Nas tradições judaicas, Lilith é descrita como uma entidade que se opôs a Adão, rejeitando qualquer noção de inferioridade na relação entre ambos. Desde os tempos antigos, ela tem sido representada como uma força antagonista, funcionando como um contraponto à bondade e à masculinidade atribuídas a Deus, sendo presente em múltiplos mitos ao longo da história. Durante a Idade Média, a imagem de Lilith foi transformada em um estereótipo de bruxa, uma mulher que nega sua natureza e sua submissão a Deus, o que resultou na rotulação e perseguição de muitas mulheres pela Santa Inquisição (Silva, 2021).

As histórias da criação de Pandora e de Eva compartilham como ponto central o surgimento de um corpo. No entanto, enquanto na narrativa cristã o corpo feminino é entendido a partir da carne como elemento essencial, a narrativa de Hesíodo apresenta uma perspectiva distinta. Nela, o corpo da mulher não é concebido, mas sim construído, sendo uma criação planejada por Zeus como um "presente" para os homens. Esse corpo é formado a partir do barro, moldado com a habilidade de um artesão. O destaque dado ao

surgimento de um corpo em ambas as narrativas para justificar a existência dos gêneros feminino e masculino suscita reflexões sobre a conexão entre corpo e gênero (Silva, 2009). Sendo vista como o flagelo e o castigo do homem, responsável pelo surgimento do mal na Terra (Silva, 2018), essas representações de mulher nos mitos originários corroboraram para que historicamente, as igrejas cristãs apontem o corpo feminino como um objeto pecaminoso, que precisa ser controlado. Campos (2010) argumenta que, inicialmente, o homem não podia ter certeza da exclusividade de sua prole com uma mulher. Por isso, estabeleceu-se que o corpo feminino deveria servir apenas a um homem, visando a procriação. Isso levou à domesticação da mulher e à punição das que não controlassem seus corpos.

Tal discurso, endossado pelas igrejas historicamente dominadas por homens, criou no imaginário social uma aversão à sexualidade feminina (Poyaes, 2019), muitas mulheres foram ensinadas a naturalizar os papéis de gênero tradicionais e a seguir as normas sociais e patriarcalistas, o que repercute em uma visão negativa de figuras femininas como Lilith. Bozon (2004) afirma que "o pudor, a possibilidade da continência sexual, a moderação, a ausência de desejo foram consideradas qualidades naturais (femininas)" Bozon (2004, p. 37), essa narrativa cristã apoiou a dicotomia entre "Maria" e "Eva".

A metáfora do Éden segundo Barreto e Cecarelli (2015) não apenas facilitou a manipulação dos corpos, mas também deu início à produção de verdades sobre o sujeito, estabelecendo uma verdade inédita sobre a mulher. Esta foi punida moralmente, sendo considerada de natureza inferior e, portanto, destinada a submeter seus desejos ao homem, resultando em uma desigualdade de gênero única. É possível exemplificar essa desigualdade progressiva no Antigo Testamento, nele encontramos a afirmação "Crescei e multiplicai-vos", afirmativa que não inclui referência explícita à fidelidade biológica. Entre os 10 mandamentos, temos o conhecido "Não cobiçarás a mulher do próximo" Este mandamento visava proteger direitos de propriedade do marido sobre a esposa na relação (Campos, 2010). Isso é perceptível quando não há um mandamento semelhante para as mulheres, pois o homem e a mulher são sempre descritos como seres opostos, responsabilizando muitas vezes a própria biologia em seus corpos (Rodrigues, 2011), e implica que apenas a mulher "possuída" por um outro homem não deveria ser cobiçada, já as demais, exceto as prostitutas, deveriam permanecer sob tutela do pai para preservar sua virgindade (Campos, 2010). Tal vigilância assegurava que após o casamento, o futuro marido teria uma maior propensão da "honestidade" da mulher pela qual pagava um dote alto, minimizando a possibilidade de infidelidade sexual.

O prazer sexual era então reservado às meretrizes, que, apesar de poderem expressá-lo, continuavam sendo objetos do prazer masculino, sem serem agentes desejantes (Rodrigues, 2011). A tradição machista passa a trazer o conceito desconhecido para as mulheres sob o véu da culpa, pois sentir prazer as torna suscetíveis ao desejo, escapando assim ao controle masculino (Campos, 2010). Uma mulher sensual, como a prostituta se desvia do padrão feminino de mãe, frígida, que só faz sexo por amor a sua família e marido, que não é vulgar e mal vista socialmente (Rodrigues, 2011)

As prostitutas não colocavam em risco a instituição familiar por meio de infidelidades; ao contrário, ajudavam a preservá-la ao atender os desejos dos jovens, garantindo a virgindade das futuras esposas e mães. Por isso, não eram vistas como bruxas, diferentemente das mulheres que escapavam do controle patriarcal por meio de uma vida sexual livre ou pelo adultério (Campos, 2010). O controle da sexualidade feminina e a segurança da paternidade estavam diretamente relacionados à propriedade privada. Segundo Colegrave (1994), essa necessidade de controle não existia no período nômade, quando as pessoas viviam sem distinções de propriedade, de maneira livre, como os animais selvagens.

Assim, o cristianismo desempenhou um papel importante na desvalorização das mulheres na sociedade, ao direcioná-las para papéis subordinados e submetê-las à autoridade masculina (Rodrigues, 2011). Com o tempo, essa estratégia fortaleceu o controle patriarcal em vários aspectos da vida, incluindo o religioso, político e social (Silva, 2021). Mesmo após o declínio da influência religiosa, esse controle continuou a ser sustentado por argumentos científicos, mantendo a dominação masculina por muitos anos. Com isso se faz necessário falar sobre as consequências que a repressão sexual, e de gênero de forma mais abrangente, podem trazer para as mulheres brasileiras

2.2.3 Ecos da Repressão: O Efeito Biopsicossocial do Controle Feminino

Tendo em vista que a religião, ao longo dos séculos se estruturou como instituição de dominação (Azevedo, 2004). Foi estabelecida a dominação do corpo feminino, e diversos autores buscaram compreender a relação entre a formação cristã, a vivência da sexualidade por mulheres e os possíveis danos psicológicos decorrentes. A religião validou, e valida até os dias atuais, diversos estereótipos de gênero, e a internalização de estereótipos negativos pode levar as mulheres a acreditarem realmente que são menos capazes ou poderosas do que os homens (Rodrigues, 2011). Essa realidade é reforçada na crença de que mulheres livres e

independentes, como Lilith, são pecaminosas, ameaçadoras ou até mesmo demoníacas, além disso, o pouco acesso aos pontos de vista diferentes sobre Lilith, ou outras questões de gênero, dificultam ainda mais o acolhimento ou ressignificações desses sentimentos (Silva, 2021).

A sexualidade feminina, em especial, foi, e ainda é, apesar de mudanças comportamentais, éticas e morais ao longo dos anos, objeto de interdição em vários campos. devido a todo o histórico da nossa sociedade imersas de uma influência européia, pautada na moral cristã, concebeu o corpo feminino e o sexo como lugar de interditos (Trindade, 2008). A sexualidade, quando reduzida à genitalidade, é frequentemente apresentada às mulheres como algo impuro, vergonhoso e interditado. Por outro lado, os homens são incentivados e preparados para experimentar o prazer sexual através de seus corpos, pois, culturalmente, a vivência da sexualidade masculina é vista como uma expressão de masculinidade. De maneira geral, pode-se afirmar que as mulheres são educadas para assumir responsabilidades que refletem uma construção social dos papéis atribuídos aos gêneros. Desde cedo, elas são preparadas para a maternidade, para cuidar dos outros e para satisfazer as necessidades alheias (Cabral e Diaz, 1999).

É possível destacar nessa passagem de Cabral e Diaz, (1999) como os homens ao contrário das mulheres são encorajados desde muito novos a vivenciarem sua sexualidade e priorizarem consequentemente seus desejos e prazeres. Porém, as mulheres, oprimidas socialmente e sexualmente, entendendo oprimida como soma de exploração e dominação (Saffioti, 2004). Passam a conviver com os aspectos negativos desta opressão, com a violência contra as mulheres, a distinção entre os salários masculinos e femininos, a exclusão da mulher de importantes papéis econômicos e políticodeliberativos e o controle da sexualidade e da capacidade reprodutiva da mulher, (Desouza; Baldwin; Rosa, 2000).

A “mulher contida” é um papel naturalizado socialmente, cujo desejo sexual é passível de controle, isso reverbera em outras diversas situações sociais, pois a mulher está sempre no lugar de dar prazer ao outro e servir. Para Cabral e Diáz (1999), “gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres a partir das diferenças sexuais” (p. 142). A mulher, pela sua condição desigual com relação aos homens, vive sob a guarda do pai, até ser entregue para tutela do marido, com sua sexualidade limitada ao desejo do homem e função reprodutora (Seixas, 1998). Apesar de debates e movimentos feministas com “A marcha das vadias”, um protesto feminista que ocorre em várias cidades do mundo, iniciado em Toronto, em 2011, em resposta à declaração de um policial de que mulheres poderiam

evitar o estupro se não se vestissem como "vadias" (Gomes, 2014), movimento que denuncia a culpabilização da vítima e defende o direito das mulheres à autonomia sobre seus corpos.

A sexualidade feminina continua sendo invisibilizada, e isso se reflete em suas práticas sexuais (Giddens, 1993). O papel induzido da passividade é frequente, gerando nas mulheres o medo de que suas vivências sexuais sejam consideradas como inadequadas pela sociedade. Consequentemente, muitas reprimem a expressão de sua sexualidade, se adaptam aos impulsos masculinos, temendo as possíveis repercussões sociais (Rodrigues, 2011). Essa rejeição à sexualidade feminina impacta diretamente a autoestima, pois muitas mulheres passam a se ver como inadequadas ou insuficientes por não se sentirem livres para explorar seus desejos e prazeres (Trindade, 2008). A constante necessidade de ocultar sua sexualidade cria uma desconexão com o próprio corpo, dificultando o desenvolvimento de uma autoestima saudável e autônoma (Freitas, 2022).

Uma das primeiras consequências que a repressão sexual pode gerar de acordo com Trindade (2008) seriam as disfunções sexuais ou uma falta de vontade de relacionar-se sexualmente com seus parceiros, por desinteresse ou desconforto ao ter relação. Baseado no DSM-V (2002), as disfunções sexuais podem ser definidas como perturbação no desejo sexual, acarretando posteriormente em alterações fisio-psicológicas que desregulam o ciclo de resposta sexual, causando assim danos nas relações interpessoais e sofrimento clinicamente significativo. Estas disfunções são muito acentuadas em mulheres, as disfunções sexuais femininas mais encontradas são: falta ou pouco desejo sexual, dificuldade de excitação, ausência de orgasmo e dor relacionada com o ato sexual (Abdo, 2008). De acordo com Desouza, Baldwin e Rosa (2000) é necessário pontuar que estes problemas sexuais podem não ser originados fisicamente no indivíduo, de forma médica biológica. Podem, e costumam ser, consequência de contextos sociais desfavoráveis, que não oferecem ambientes propícios para o desenvolvimento de uma sexualidade feminina saudável.

No campo clínico e psicológico, uma outra manifestação comum dessa repressão é o desejo sexual hipoativo ou inibido, que traz a ausência de fantasias e falta de desejo sexual, o que pode gerar angústia e dificuldades nos relacionamentos (Trindade, 2008). Essa disfunção, embora frequente, é uma das mais difíceis de tratar e na maioria dos casos é originada de forma psicossomática, além de que geralmente perdem o interesse em buscar estímulos sexuais, mesmo que ainda consigam se excitar e alcançar o orgasmo. Em alguns casos, a situação pode se agravar para uma aversão sexual, levando-as a evitar completamente o contato íntimo com parceiros (Trindade, 2008). Freitas (2022), em sua pesquisa intitulada "O corpo e a culpa: A construção da sexualidade feminina sob a influência do cristianismo", traz

recortes de entrevistas realizadas com 4 mulheres, com idades entre 18 a 25 anos, criadas em ambientes cristãos, podendo exemplificar de forma clara no estudo, como a moralidade cristã pode impactar na sexualidade e no emocional de diversas mulheres. Na fala delas é possível verificar que em uma delas, há um conflito entre suas crenças religiosas atuais e como esta vê o sexo, como algo natural e positivo, gerando assim culpa. É possível verificar ainda em outra entrevistada como suas crenças religiosas passadas e o modo como vive sua sexualidade atualmente geram insegurança e relutância em tomar decisões. (Freitas, 2022.)

Como observado por Simone de Beauvoir (1980) em sua famosa frase, “Não se nasce mulher: torna-se mulher”, os papéis de gênero não são inerentes ao sexo biológico, mas construções sociais moldadas, em grande medida, pela influência de instituições como o cristianismo. Logo, os estereótipos sexuais que fazem parte dos papéis de gênero e formação da mulher, assim influenciam diretamente no psicológico feminino, na forma em que as mulheres se veem e como se portam em suas relações (Possatti, 2002).

No entanto, a psicologia, historicamente, tendeu a minimizar ou ignorar a relevância da situação social das mulheres no desenvolvimento psicológico, atribuindo diferenças entre os gêneros exclusivamente à biologia. Esse enfoque contribuiu para a manutenção de mulheres conformadas em papéis socialmente pré-determinados, além de poucas informações no que dizia respeito à saúde mental feminina (Graciano, 1975). Com a ascensão de áreas da psicologia voltadas para o social e um aumento significativo nas pesquisas voltadas a gênero e sexualidade ao decorrer dos anos (Santos, 2016). É notável a mudança de comportamento da psicologia referente a importância de estudar a psique feminina (Graciano, 1975). Compreender os efeitos da repressão sexual e de gênero, que são amplamente variados e contextuais, é fundamental para a construção de uma sociedade que reconheça e respeite a sexualidade feminina como uma parte natural e saudável da experiência humana (Trindade, 2008). A superação de estigmas exige a desconstrução e a releitura de narrativas repressoras, permitindo que as mulheres brasileiras desenvolvam uma relação mais livre e positiva com seus corpos e desejos (Assunção, 2024). Promover uma sociedade verdadeiramente laica, em que as mulheres possam vivenciar sua sexualidade sem medo ou vergonha, implica questionar e transformar os papéis de gênero impostos ao longo dos séculos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos séculos, a religião consolidou-se como uma poderosa instituição de dominação, exercendo controle sobre o corpo e a sexualidade femininos e validando estereótipos de gênero que continuam a influenciar profundamente a sociedade. A repressão da sexualidade feminina, inserida em um contexto falocêntrico, revela-se como uma das principais ferramentas de perpetuação dessa dominação. Desde a infância, as mulheres são condicionadas a se conformar a um conjunto de expectativas que limitam sua autonomia e punem aquelas que ousam desafiar essas normas em busca de igualdade. A trajetória simbólica de Lilith, reduzida de deusa à demônio, ilustra de maneira clara como a ascensão da Igreja desvalorizou características femininas anteriormente celebradas e relegou as mulheres a um papel subalterno. Esse processo foi acompanhado pela imposição de discursos e símbolos que reforçam sentimentos de culpa e inadequação, especialmente em relação ao desejo sexual, à maternidade e ao casamento. Mulheres que não correspondem aos papéis socialmente construídos de "esposa exemplar", "mãe excepcional" e "mulher decente" enfrentam julgamentos severos, o que as coloca sob uma pressão constante para atender a padrões quase inatingíveis.

A trajetória da mulher na sociedade já superou diversos obstáculos e conquistou muitos direitos, porém é válido pontuar que a igreja inferiu e ainda infere um papel subalterno a figura feminina, desde a queda das deusas até a imposição de papéis de cuidado e subserviência às mulheres, essas construções serviram a propósitos hegemônicos que limitam a liberdade e o potencial feminino. Dessa forma, torna-se essencial fomentar debates críticos sobre essa posição histórica e social das mulheres. Apenas uma reflexão consciente sobre as origens dessas ideologias naturalizadas permitirá a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde as mulheres possam exercer plenamente sua autonomia e seus direitos.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita Helena Najjar. Estudo da vida sexual do brasileiro: relatório final. São Paulo: Editora Campus, 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. **Sexualidade: (re)pensando a repressão**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.], v. 8, n. 2, 1997. DOI: 10.35919/rbsh.v8i2.720. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/720. Acesso em: 10 abr. 2024.]

ASSUNÇÃO, Bárbara Aline Ferreira. **Lilith: Da Subversão à Demonização - A Ascensão do Deus Patriarcal**. RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Brasil, v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.51473/rcmos.v1i1.2024.479. Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/470>

A volta de Lilith. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, v. 2, n. 3, p. 54–55, dez. 1985.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

BARRETO, Ocilene Fernandes; CECARELLI, Paulo Roberto. **Eva, Maria e Lilith: corpo de delito. Estudos de psicanálise**, Belo Horizonte, n. 43, p. 129-137, jul. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100013&lng=pt&nrm=iso.. Acesso em: 04.06.2024

BALIEIRO, Cristina. **O Legado das Deusas (com baralho)**, v. 2. BOD GmbH DE, 2020

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo, vol. II. A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CABRAL, Maria do Carmo; DIAZ, Sara. **Os direitos sexuais e reprodutivos**. Local de publicação: Editora, 1999.

CECCARELLI, P. R.; COSTA SALLES, A. C. **A invenção da sexualidade**. In: Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 32, n. 60, p. 15-24, set. 2010

CAMPOS, Andrea Almeida. **As Bruxas retornam: Cacem as Bruxas! Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina**. Revista Espaço Acadêmico, v. 9, n. 104, p. 64-72, 3 jan. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9151>. Acesso em: 04.06.2024

COLEMAN, K.S. **Matriarchy and Myth**. Religion, N° 31 (2001), pp. 247-263.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade, cristianismo e poder**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 700-728, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 10 abr. 2024.

DATAFOLHA: **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos, e 10% sem religião**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2020. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/datafolha-50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-10-nao-tem-religiao-24186896>. Acesso em: 04.06.2024

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. DA. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, p. 485–496, 2000.

DUBY, Georges. **Eva e os padres: damas do século XII**. São Paulo: Companhia das letras, 2001

FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina**. Editora Pensamento, 2021.

FREITAS, Nathália de Sousa; SILVA, Iara Garcia; FILGUEIRAS, Karina Fideles. **O corpo e a culpa: A construção da sexualidade feminina sob a influência do cristianismo**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.], v. 33, p. 998, 2022. DOI: 10.35919/rbsh.v33.998. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/998. Acesso em: 10 abr. 2024.

FRÓES, Fadja. Memória e violência contra a mulher: o feminicídio como último ato da dominação masculina. Editora Dialética, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GIFFIN, K.. **Violência de gênero, sexualidade e saúde**. Cadernos de Saúde Pública, v. 10, p. S146–S155, 1994.

GOMES, C.; SORJ, B.. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 433–447, maio 2014.

GRACIANO, Marília. **Contribuições da psicologia contemporânea para a compreensão do papel da mulher**. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 15, p. 145-150, dez. 1975. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741975000400013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 nov. 2024.

LARAIA, R. de B. **Jardim do Éden revisitado**. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 149-164, 1997.

MARQUETTI, Flavia R. Lábios de maçã: um perfil para o feminino. Revista Ártemis, v. 11, 2010

MATHEUS NETO, Romão; JOSÉ COSTA, Leonardo; REGINA RIBEIRO, Regiane. **A desobediência de Lilith: representações do mito da primeira mulher na animação Paranorman**. Revista Fronteiras, v. 22, n. 2, 2020.

PAIVA, V. *Evas, Marias, Lilith: as voltas do feminino*. São Paulo: Brasiliense, 1989

POSSATTI, I. C.; DIAS, M. R.. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 15, n. 2, p. 293–301, 2002.

RANKE-HEINEMANN, Utha. **Eunucos pelo reino de Deus**. 3.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

REIS, Émilien Vilas Boas; LEMGRUBER, Vanessa. As Brumas de Avalon: uma leitura ecofeminista. **Revista Ártemis**, v. 29, n. 1, p. 88, 2020.

ROCHA, Maria José Pereira. **Gênero e religião sob a ótica da redescritção**. Rev. abordagem gestalt, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 102-108, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 nov. 2024.

Rodrigues, A. M. (2011). *Silêncios e gritos, corpos e sexualidade: Filhas e mães representando a repressão sexual em O espartilho, Verão no aquário e As meninas de Lygia Fagundes Telles*.

RUETHER, R.R. **Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo-RS: Sinodal. 1993.

SILVA, A. C. L. F. DA.; ANDRADE, M. M. DE .. **Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada**. Cadernos Pagu, n. 33, p. 313–342, jul. 2009.

TRINDADE, W. R.FERREIRA. **Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres**. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 17, n. 3, p. 417–426, jul. 2008.